

Economia - Brasil

## O BRASIL NO SÉCULO XX

## Número de TVs cresce, mas o de cinemas cai

Videocassete, televisão a cabo e DVD fazem com que a diversão e o lazer se limitem ao ambiente doméstico

Daniela Name

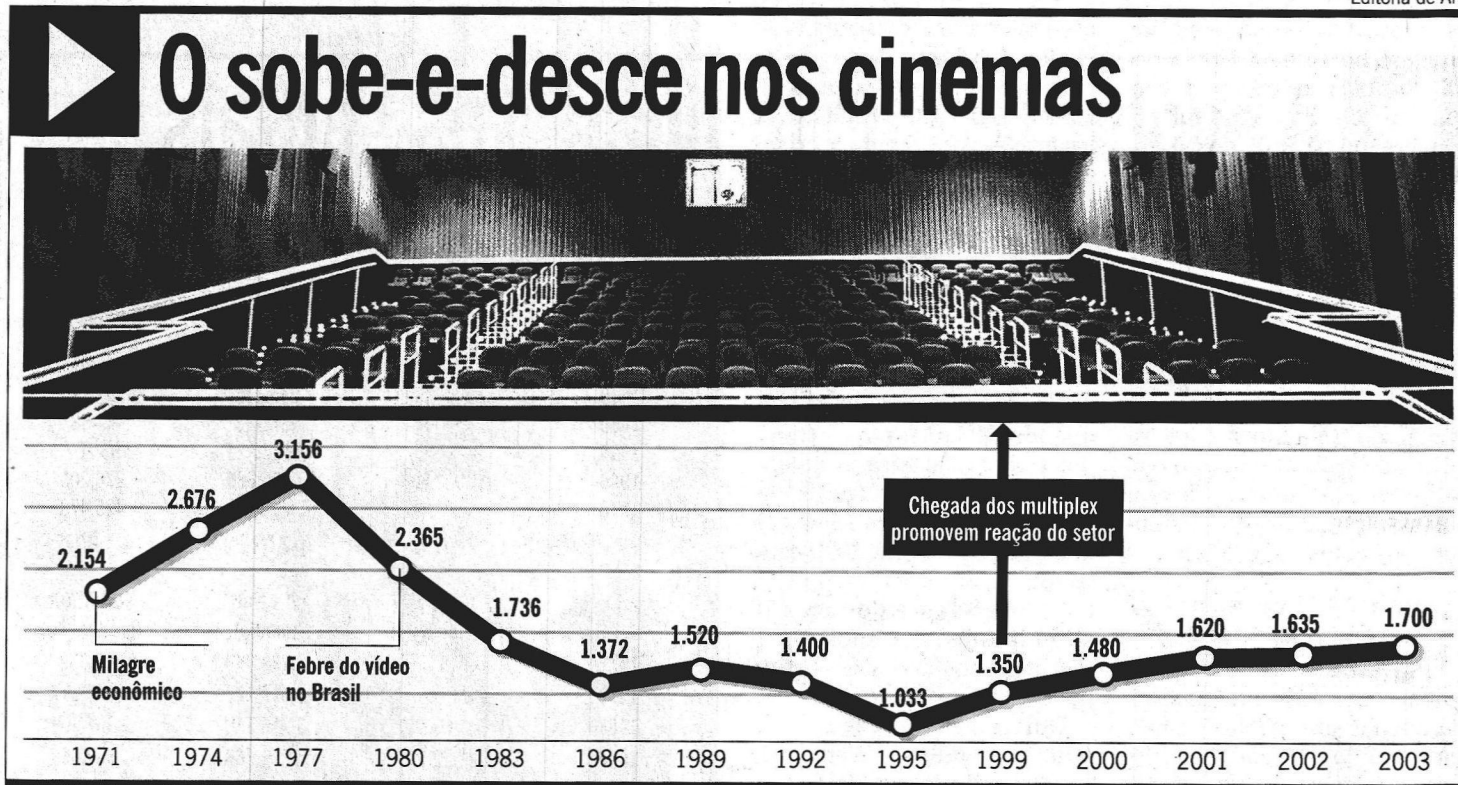
• A cultura brasileira no século XX pode ser dividida entre antes e depois da chegada da televisão no país, nos anos 50. A possibilidade de ter — na sala de visitas — teatro, música, cinema, notícias e até esporte, em programas transmitidos pela TV, mudou o comportamento da população. Em “Entre o palco e a televisão”, capítulo dedicado à cultura nas “Estatísticas do Século XX”, o sociólogo e professor da Universidade de São Paulo (USP) Sergio Miceli mostra que a TV, além de ser um dado novo de comportamento, influenciava decisivamente as estatísticas de outras áreas culturais, como o cinema e o teatro.

Entre 1970 e 1980, o número de casas com aparelhos de televisão passou de 4,259 milhões para 14.142.924. Estas casas abrigavam cerca de 65 milhões de pessoas, o correspondente a 55% da população do país na época.

— Hoje, é praticamente integral o alcance da TV em termos de cobertura técnica e impacto social, político e simbólico — diz Miceli. — Os dados precisam ser interpretados como indicadores de uma situação completamente nova em matéria de atitudes e práticas de consumo cultural, por parte de todos os diferentes grupos de renda e educação que compõem a sociedade.

## Videocassete tirou a classe média das salas de cinema

O sociólogo, que é autor de livros como “Imagens negociadas” e “Nacional estrangeiro”, observa ainda como a vida cultural passou a depender ca-



da vez mais de aparelhos eletrônicos. Depois da explosão da TV — que se amplia na década de 70 com o chamado milagre econômico — vieram o videocassete, o DVD e a TV a cabo, vinculando a circulação de informação cultural à compra de um produto. Eles fizeram com que a população restringisse a diversão e o lazer ao ambiente doméstico, que é gratuito, evitando programas como uma sessão de cinema ou teatro em espaços públicos.

As estatísticas mostram que, em 1967, na esteira de movimentos de valorização do cinema nacional, como o Cinema Novo, o Brasil tinha 3.079 salas de cinema. A partir dos anos 70, este número vai caindo e, de acordo com os

gráficos do IBGE, chega a 1.623 em 1985.

— Há um sobe-e-desce de número de salas nas últimas décadas, e isso está intimamente ligado à televisão — diz o cineasta Paulo Sérgio Almeida, coordenador da consultora Filme B, especializada em cinema. — Depois de se estabelecer como forma de lazer, a televisão foi roubando do cinema o público das classes C e D. Nos anos 80, o vídeo tirou a classe média do cinema, um papel que hoje cabe ao DVD e à TV a cabo.

Nas áreas pobres das grandes capitais brasileiras, o fechamento dos cinemas, devido à crise econômica e ao aumento da violência urbana, ajudou a fazer crescer o mercado de vídeo. Estes mesmos

dois fatores, somados à comodidade criada pelo hábito de se ver filmes em casa, acabaram matando o hábito de ir ao cinema. No Rio de Janeiro, salas tradicionais foram vendidas e se transformaram em templos de igrejas evangélicas, lojas ou academias de ginástica. Há exceções, é claro, como o Cineteatro Alcântara, única sala no município de São Gonçalo. O Alcântara, que também abriga peças de teatro infantil, é um resquício de um tempo em que os cineteatros — casas que conjugavam os filmes com espetáculos de teatro e música — eram uma tônica no país inteiro. Os dados do IBGE mostram que, em 1933, havia 517 cineteatros no Brasil. Em 1985, restavam apenas 165.

As estatísticas mostram que há uma desigualdade quanto a ofertas de cinema em termos regionais — Rio e São Paulo concentram boa parte das salas do país — e também dentro dos estados e municípios. No caso do Rio, a relação entre o número de habitantes por cadeira de cinema varia muito. Em bairros como Bangu, Padre Miguel, Realengo e Deodoro, na Zona Oeste, os 658.968 habitantes não têm nenhuma sala de cinema. Já os moradores da Barra da Tijuca e arredores, na “área rica” da mesma Zona Oeste, têm uma relação de 14 habitantes por poltrona de cinema, a melhor da cidade, graças às 44 salas espalhadas pelos shoppings da região.

A desproporção é mais um

sinal de como a má distribuição de renda afeta a oferta de bens culturais e de como os shoppings centers mudaram a situação do cinema nos últimos anos.

## Em 2003, cinemas venderão dez milhões de ingressos

De acordo com dados atualizados fornecidos pela Filme B, o número de salas — que em 1993 caíra ainda mais, chegando a 1.075 — na contagem deste ano já dá indícios de recuperação, chegando novamente a 1.700. A explicação está no crescimento dos cinemas multiplex, que aliam alta tecnologia no padrão de exibição, conforto nas salas e a segurança e a comodidade dos shopping centers.

— O problema do cinema nos anos 80 e 90 é que ele não tinha um produto de qualidade capaz de competir com a TV, o vídeo, o DVD. As salas eram ruins; as cadeiras, desconfortáveis; o som, terrível — lembra Almeida. — Os multiplex melhoraram muito as condições técnicas e deram conforto e segurança para o público.

Almeida também revela que os números do cinema em 2003 apontam para outras mudanças no setor. O ano deve fechar com dez milhões de tickets vendidos. E isso vai ser registrado graças a sucessos do cinema nacional, como “Cidade de Deus”, “Carandiru”, “Deus é brasileiro” e “Lisbela e o prisioneiro”.

— O sucesso destes filmes nas classes C e D é impressionante, o que mostra que este público tinha vontade de ir ao cinema, só não se identificava com os filmes. ■